

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE EM ESCOLAS RIBEIRINHAS

Data da submissão: 08/05/2024

Data de aceite: 02/05/2024

Helen Cris Rocha Cunha

Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal Amazonas –UFAM
<https://lattes.cnpq.br/5200333938730385>

Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos

Professora orientadora: Doutora pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal Pará –UFPA
ORCID – 0000-0003-4249-7142
<https://lattes.cnpq.br/8874787175007937>

RESUMO: A formação docente está em pauta no contexto das lutas da Educação do Campo pela qualidade do processo educacional e das condições de trabalho do professor. O referido artigo é resultado projeto de iniciação científica vinculado a Universidade Federal do Amazonas – UFAM e ao grupo de Pesquisa “Canoa”, o qual teve como objetivo investigar o processo de formação permanente de professores das escolas do campo, considerando a realidade educacional, sociocultural e ambiental dos territórios rurais do município de Parintins/AM. A metodologia pauta-se numa abordagem qualitativa, por meio da realização de pesquisa participante com professores de escolas de comunidades

rurais e de entrevistas semiestruturadas. Fundamenta-se em autores como Freire (2020), Arroyo (2014), Saul (2019), Silva (2018) e Hage (2009). Os resultados apresentam os contextos, a realidade e os desafios encontrados diante das dificuldades que é o fazer pedagógico nas comunidades ribeirinhas, assim como traz a importância da formação continuada e permanente e sua articulação com a luta por melhores condições de acesso ao conhecimento pelos discentes e por melhores condições de trabalho pelos professores da escola do campo. Esperamos com este projeto contribuir com a dinamização da formação docente nas comunidades ribeirinhas a partir do diálogo de saberes e das experiências dos sujeitos do campo, das águas e das florestas como forma de instigar a participação ativa dos sujeitos no processo de formação e o compromisso do poder público nessa área.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Escola ribeirinha. Educação do Campo.

TEACHER TRAINING EXPERIENCES IN RIVERINE SCHOOLS

ABSTRACT: Teacher training is on the agenda in the context of the struggles of Rural Education for the quality of the educational process and the working conditions of the teacher. This article is the result of a scientific initiation project linked to the Federal University of Amazonas – UFAM and the research group “Canoa”, which aimed to investigate the process of permanent training of teachers in rural schools, considering the educational, sociocultural and environmental reality of the rural territories of the municipality of Parintins/AM. The methodology is based on a qualitative approach, through participatory research with teachers from schools in rural communities and semi-structured interviews. It is based on authors such as Freire (2020), Arroyo (2014), Saul (2019), Silva (2018) and Hage (2009). The results present the contexts, the reality and the challenges encountered in the face of the difficulties that is pedagogical practice in riverside communities, as well as the importance of continuing and permanent training and its articulation with the struggle for better conditions of access to knowledge by students and for better working conditions by teachers in rural schools. With this project, we hope to contribute to the dynamization of teacher training in riverside communities based on the dialogue of knowledge and experiences of the subjects of the field, waters and forests as a way to instigate the active participation of the subjects in the training process and the commitment of the public power in this area.

KEYWORDS: Teacher training. Riverside school. Education in the countryside.

INTRODUÇÃO

Este projeto tem como objeto o processo de formação permanente de professores das escolas dos territórios rurais do município de Parintins e faz o seguinte questionamento: como tem ocorrido o processo de formação permanente de professores das escolas do campo, considerando a realidade educacional, sociocultural e ambiental dos territórios rurais do município de Parintins?

A necessidade de se discutir a formação permanente remete ao pensamento freireano ao esclarecer que “não se destina somente aos educandos em momentos de sua escolarização, mas a todo o ser humano em qualquer etapa de sua existência” (SAUL, 2019, p.298). Ao se pensar essa formação com os professores é importante destacar que “[...] um programa de formação permanente de educadores exige que se trabalhe sobre as práticas que os professores têm.” (SAUL, 2019, p. 298). Ao adentrarmos na temática Educação do Campo, diferentes aspectos precisam ter sua devida visibilidade, de forma significativa destacamos a “formação de professores”, pois diante das múltiplas e ao mesmo tempo singulares realidades há um campo vasto a si resignificar. Se falar em educação no campo retrata-se em valorizar particularidades que englobam crenças e costumes, identidades e culturas.

A precarização das salas multisseriadas é uma realidade muito presente no território Amazônico. De acordo com Hage (2005, p. 56) “as escolas multisseriadas tem assumido um currículo deslocado das culturas da população do campo, situação que precisa ser superada caso se pretenda superar o fracasso escolar e afirmar as identidades culturais das populações do campo”. Esse fato evidencia a importância de se conhecer os saberes e as práticas dos docentes da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que vêm construindo alternativas pedagógicas, visando superar as situações adversas encontradas no processo de ensino, que perpassam pelas condições de trabalho docente e formação. (OLIVEIRA; FRANÇA; SANTOS; 2012, p. 15).

É preciso pensar sobre a formação de professores. Como suas práticas educativas e pedagógicas estão sendo realizadas? Seus processos formativos estão dialogando com os saberes do campo? De acordo com Freire, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar próxima prática” (FREIRE, 2020, p. 40). Ao encontro dos dizeres freiriano, dar-se a importância de se ter uma formação inicial e continuada no processo de formação de professores, pois conhecimentos os adquiridos contribuem para a melhora de sua prática, contribuindo para seu crescimento humanizado com o olhar crítico, tanto na sua vida profissional, quanto pessoal, contribuindo também para uma transformação social em suas comunidades.

Hoje cursando a Especialização em Educação no Campo e práticas pedagógicas, sempre paro pra refletir minhas praticas, quando comecei na sala de aula e hoje principalmente com a Especialização em Educação no Campo, em pouco tempo, estou realizando minhas práticas de forma diferente, vejo a diferença e percebo que as crianças elas interagem mais e estão se mostrando mais produtiva [...] A especialização está me fazendo enxergar minha pratica de forma integral “ comunidade e escola” e quanto fazemos parte nesse contexto que é social e educacional, pois precisamos pensar em uma educação que dialogue com a vida da comunidade, pois estamos rodeamos de riquezas da comunidade que podemos transforma-los em materiais pedagógicos [...]. (Entrevista com a professora **Peneira, 21/04/2023**)

Esse referencial valoriza e reconhece a diversidade sociocultural, ambiental e do mundo do trabalho na qual os sujeitos do campo estão envolvidos com suas experiências, saberes, memórias, práticas sociais. A perspectiva dialógica freireana é fundamental para gerar processos de escuta sobre a realidade das escolas multisseriadas e as condições de trabalho dos professores com suas especificidades e as relações que estabelecem com a vida e as culturas das comunidades e com a realidade do trabalho na agricultura familiar, no extrativismo e na pesca.

Dessa forma, esperamos com este projeto contribuir com a dinamização da formação dos professores da Educação Básica a partir do diálogo de saberes com as realidades, as experiências dos sujeitos do campo, como forma de instigar a participação ativa dos sujeitos no processo de formação, assim como fortalecer as identidades docentes a partir da troca de saberes e memórias docentes durante o processo formativo.

OBJETIVOS

Geral: Investigar o processo de formação permanente de professores das escolas do campo, considerando a realidade educacional, sociocultural e ambiental dos territórios rurais do município de Parintins. **Específicos:** Descrever as atividades e estratégias de formação docentes que são realizadas pelas escolas e pela secretaria municipal de educação; identificar os desafios enfrentados pelos professores no processo de formação docentes nas áreas rurais;

Realizar processos de escuta sobre as experiências dos professores por meio da realização de círculos de formação docente.

METODOLOGIA

O referido projeto tem uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória, a qual tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, incluindo levantamento bibliográfico e entrevistas. (GIL, 2002, TEIXEIRA, 2009). Como técnica para coleta de dados aderiu-se a observação participante pois “[...] alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia no conjunto da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade, [...] é um processo pelo qual um pesquisador se coloca como um observador de uma situação social” (MINAYO, 2016, p.64). Por meio da pesquisa participante entende-se a melhor estratégia para se ter a aproximação com os sujeitos da pesquisa, pois “[...] é principalmente concebida como metodologia derivada da observação antropológica e como forma de comprometimento dos pesquisadores com causas populares relevantes” (THIOLLENT, 1986).

Realizada por meio das seguintes etapas: 1) pesquisas bibliográficas; 2) pesquisa de campo: por meio da observação participante: a) acompanhando as aulas mensais da “Especialização em Educação do Campo e práticas pedagógicas”, implantada no município de Parintins, vinculado ao Programa Escola da Terra, convênio MEC/FACED-UFAM em parceria com a SEMED/Parintins. Do total de 28 cursistas 14 responderam ao questionário. Os professores foram citados com nomes fictícios; b)) participação do I e II Seminário de Educação do Campo, Trabalho e Cultura, em articulação com a XII Roda de Conversa do Fórum Parintinense de Educação do Campo, das Florestas e das águas Paulo Freire/ Fopinecaf, no Auditório do ICSEZ/UFAM; c) visita do Comunidade do Itaboraí do Meio, onde foi realizada a entrevista (face a face) com a professora da Escola Municipal “São Vicente”; d) participação nas atividades do projeto de extensão Círculo de Formação Docente em Alternância Pedagógica: por entre sintonias e saberes, vinculado ao curso de Pedagogia do ICSEZ/UFAM e ao Grupo de Pesquisa CANOA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando se trata das políticas destinadas à formação dos educadores/as do campo, esses desafios são alargados, pois por muito tempo esta formação foi construída a partir do parâmetro urbano, colocando os professores/as na invisibilidade (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011; LEITE, 2002). No entanto, é um cenário que está buscando mudança, mesmo que ainda seja um processo lento. As escolas do campo em específico as escolas ribeirinhas, mostram realidades trazem suas lutas e conquistas diárias. Moretto (2019, p.33) vem dizer que a prática docente é resultado da rede de relações existentes entre diferentes saberes, adquiridos durante a preparação profissional e, também, resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos o longo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória escolar como aluno, no seu próprio ambiente de trabalho, por meio das relações e interações estabelecidas com alunos e colegas de profissão.

Com base nas falas dos cursistas da Especialização em Educação do Campo, podemos entender, que ser professor do campo, está além de expectativas de suas profissões, relatam histórias que buscam carregar uma história de pertencimento, de identidade cultural e experiências vividas no contexto de suas comunidades. As narrativas dos professores ratificam suas realidades:

Iniciei minha vida na docência em 2019, na Vila Amazônia na comunidade do Quebrão, passei um ano na comunidade trabalhando com a turma multisseriada e, no ano seguinte, fui pra comunidade São João Batista do Mato Grosso. [...] eu digo que nós estamos caminhando, mais ainda a passos lentos [...] falar sobre essa educação no campo, falamos do contexto, do pertencimento, nós falamos do sujeito de diferentes realidades, porque cada um tem suas particularidades. [...] eu não sou fruto da educação no campo, porque eu nasci e cresci na sede, mas eu digo que a educação no campo me escolheu, porque nenhum momento da minha vida imaginei estar na docência. [...] (Professor Farinha, Comunidade do Quebrão/ PIN, 26/10 2022, II Seminário de Educação no Campo.

Viver a realidade das escolas do campo, é desafiar-se a sua própria realidade. Remeter-se a realidade das escolas ribeirinhas, é si encontrar e ser protagonista da sua própria realidade, ter o sentimento de voltar as suas origens e contribuir com a comunidade. Esse contexto plural e ao mesmo singular dos povos do campo, exige dos professores a escrita de trajetórias profissionais ligadas aos territórios por onde percorrem, pois neles passam a viver e pertencer às comunidades e assim se encontrar vivendo e revivendo os desafios do dia-a-dia tudo em busca do desejo de lutar por melhores condições do contexto escolar, no cotidiano das escolas do campo.

A partir dos relatos, é importante frisar que as narrativas mostram que além de entender é preciso vivenciar a prática docente de maneira concreta humanizada e ainda colocá-la em prática sempre respeitando o cotidiano no qual está inserido o discente, pois os sujeitos do campo são donos de suas próprias culturas. Entender que o “fazer docente”,

na Educação do Campo tem suas dificuldades, porém é preciso valorizar e enxergar suas particularidades, respeitando sua identidade cultural. Diante disso, um sentimento de luta precisa estar presente nesse espaço, pois por muito tempo foi cenário de exclusão, desse modo torna-se de suma importância a entrega nas vivências do cotidiano escolar e na comunidade, pois enquanto professores do campo é primordial esse sentimento de pertencimento e essa visão emancipatória, que segundo Freire é base para ensinar a pensar criticamente e mudar a realidade a partir das vivências e do cotidiano das comunidades. As formações têm um papel de grande relevância para a melhoria do ensino aprendizagem dos alunos e ainda do próprio conhecimento do professor, pois é preciso ser contínuo esse processo de formação. E ainda assim contribuir com a prática social dos territórios do campo, tornando mais eficiente a prática pedagógica nesses espaços.

Dessa forma, Freire (2020, p.40) vem dizer que na “formação permanente dos professores, o momento fundamental é o momento da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou ontem que se pode melhorar a próxima prática”. A prática docente é resultado da rede de relações existentes entre diferentes saberes, adquiridos durante a preparação profissional e, também, resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos ao longo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória escolar como aluno, no seu próprio ambiente de trabalho, por meio das relações e interações estabelecidas com alunos e colegas de profissão (MORETTO, 2019, p.33).

Caracterização da escola e da comunidade do São Vicente e o fazer pedagógico

A Escola Municipal “São Vicente” está localizada na margem esquerda do rio Amazonas, Comunidade São Vicente – Itaboraí do Meio. A referida escola é uma entre as cinco escolas pertencente a Comunidade do Itaboraí, pertencentes à rede municipal de Parintins. A escola até o período do desenvolvimento da pesquisa estava funcionando no barracão da comunidade por conta do fenômeno das terras caídas, que ocorrem na localidade, fenômeno causado pela seca dos rios, os quais com a descida das águas, formam-se enormes paredões que desabam quando o rio seca. A escola atende 6 alunos, em uma sala multisseriada composta por alunos do 1º ano ao 5º ano. Sua estrutura física do local mostrava a necessidade de reparos urgentes no telhado, além da estrutura não dispor de paredes. Entretanto, pudemos identificar que a cozinha, onde as refeições eram preparadas, era pequena e fica ao lado de uma da sala de aula. A improvisada sala de aula, só dispunha de poucos materiais didáticos, pois as condições do lugar segundo a professora não contribuem para manter os materiais pedagógicos confeccionados, pois sofre diariamente com os intemperes da natureza. Ao mesmo tempo, diante da infraestrutura inadequada e da ausência de materiais didáticos, identificamos a preocupação da professora para com as crianças da sua turma multisseriada. Destacamos a fala professora:

Tu vai ver a realidade da falta de estrutura das escolas e tu vai fazer a diferenciação de uma escola pra outra, tipo lá na nossa comunidade não tem escola por causa do barranco [que caiu] aí tiraram, foi tirada ela [a escola] da frente [da comunidade] e ainda não mandaram fazer uma nova, agora eu trabalho num barracão, a realidade é que o barracão não tem parede, o barracão é aberto, não tem como o professor colocar um a cartaz, tem uns cartazes que eu coloquei e molhou, tudo isso é uma realidade que o professor sofre [...] (**Professora Peneira, Comunidade do Itaborai/ PIN, 29 de novembro 2022**)

Em meio a realidade que se encontra os povos ribeirinhos, encontra-se a caótica situação das escolas nesses espaços. Consequência de muito descaso aos olhos das entidades públicas, realidade muito presente no contexto Amazônico assim como frisa Hage (2009):

Em geral, essas escolas são alocadas em prédios escolares depauperados, sem ventilação, sem banheiros e local para armazenamento e confecção da merenda escolar, possuindo estrutura física sem as condições mínimas para funcionar uma escola. Há situações em que não existe o número de carteiras suficientes, o quadro de giz encontra-se danificado; e em muitos casos, essas escolas não possuem prédio próprio funcionando em prédios alugados, barracões de festas, igrejas ou mesmo em casa de professores ou lideranças locais. (HAGE, 2009).

Quando se trata das políticas destinadas à formação dos educadores/as do campo, esses desafios são alargados, pois por muito tempo esta formação foi construída a partir do parâmetro urbano, colocando os professores/as na invisibilidade (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011; LEITE, 2002). No entanto, é um cenário que está buscando mudança, mesmo que ainda seja um processo lento. Entrelaçado a luta dos movimentos sociais, significativas conquistas se almejam e estão sendo conquistadas. Desse modo, na visão de Caldart (2012) referente a formação de professores do campo, corrobora que “[...] ainda é um processo que obriga a repensar e redefinir a relação entre o Estado, suas instituições e os movimentos sociais, pois é preciso preparar profissionais que se reconheçam como sujeitos de políticas, assim, participando das definições e implantações das políticas educacionais”.

Face a essa realidade, que é diversa, é preciso pensar como contribuir com a formação continuada dos professores e compreender os processos e condições que movem suas estruturas de trabalho. Essa formação tem um papel de grande relevância para a melhoria do ensino aprendizagem dos alunos e ainda do próprio conhecimento do professor, pois é preciso ser contínuo esse processo de formação. E ainda assim contribuir com a prática social dos territórios do campo, tornando mais eficiente a prática pedagógica nesses espaços.

A prática docente é resultado da rede de relações existentes entre diferentes saberes, adquiridos durante a preparação profissional e, também, resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos ao longo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória escolar como aluno, no seu próprio ambiente de trabalho, por meio das relações e interações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. (MORETTO, 2019, p.33). A experiência relatada pela professora “Peneira” retrata um novo cenário e possibilidade de colocar em prática que estão trazendo transformação dentro da sala de aula, mudança que vem a partir dos conhecimentos adquiridos na especialização em Educação no Campo:

Eu uso muito a minha vivência né, eu uso muito também os textos relacionados à própria vivência deles né, tipo lendas. Vamos supor a lenda, tem muita Vitória Régia por aqui aí eles veem vitória-régia aí eu conto, conto a lenda da vitória-régia. Eu trabalho muito por exemplo com problema, se a Eliza (aluna) vender uma dúzia de ovos de galinha que tem lá na casa dela, quantos ovos tem? Eu uso muito a vivência deles juntando com o lúdico, crio muitas atividades com eles, com jogos brincadeiras, as cantigas porque eu acredito que [...] a gente não tem nem lousa [...] aconteceu algum fato aí todo mundo quer contar, todo mundo quer contar sua versão então eu aproveito essa situação pra mim desenvolver com eles, aí eu pego faço uma produção com aquilo que eles relatam. Aí eu vou trabalhando a partir daí, por que o jacaré pegou? Quais são os tipos de jacaré que nós temos aqui? Qual é o habitat do jacaré, qual é o habitat do porco, quais as outras espécies de animais que nós encontramos aqui, qual outros animais eles e os pais deles criam? Com um assunto eu já faço desenvolvo uma aula, aí por isso que no meu plano eu sempre coloco os assuntos que eu quero trabalhar, só que aí eu presto muita atenção, principalmente na segunda-feira eu coloco lá o que houver [...] os alunos do primeiro e do segundo também já sabem ler, não não não perfeitamente, mas ele já sabe já sabem escrever as palavras, às vezes sílabas simples, algumas sílabas difíceis, mas é assim eu não trabalho várias coisas sempre trabalhando com o contexto deles, essa é minha estratégia [...].(Professora Peneira, em 21/04/2023)

Freire (2001, p. 28) enfatiza que “a atividade docente da escola que visa à superação do saber de pura experiência feito, não pode, porém, como disse antes, recusar a importância da cotidianidade. Valorizar o conhecimento de mundo da criança, resgatar seu lugar de pertencimento trazendo a valorização de seu território, construindo pessoas com pensamento crítico a partir de sua realidade, tornando a aula dinâmica e produtiva pois percebe-se a valorização do aluno, saindo a do tradicional onde somente o professor era detentor de conhecimento.

ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE REALIZADA PELA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

As estratégias realizadas a partir do poder público por meio da instituição SEMED, órgão responsável pelos professores das escolas rurais de Parintins, trabalham de forma contínua em prol de alcançarem e oferecem melhores condições de trabalho em relação a formação de professores segundo os relatos dos professores abaixo:

[...] A SEMED contribui com a formação pedagógica que são proporcionadas a todos os anos (Prof. Bem-te-vi)

[...] nas formações continuadas em áreas específicas (Prof. Tucupi)

[...] ofertando formação continuada, para que possamos melhorar nossa prática pedagógica

[...] as orientações dos técnicos e as visitas da Semed nas escolas do campo. (Profa. Catauari)

[...] Através das jornadas pedagógicas, seminários e monitoramentos (Profa. Borboleta)

[...] Através da Especialização em Educação no Campo em parceria com a UFAM (Prof. Tipiti)

As falas mencionadas revelam a participação nos cursos de formação tanto por professores das escolas de terra firme quanto de várzea das escolas ribeirinha, no entanto se almeja que políticas públicas possam ser pensadas para se melhorarem as formações no município. A partir dos dados extraídos dos questionários, podemos observar que há a preocupação da SEMED, em sempre está oferecendo esse processo de formação continuada aos docentes das escolas ribeirinhas, mas ainda há muito o que se melhorar, pois fragilidades ainda são encontradas, pois de fato tem que haver um progresso e não retrocesso em relação ao tempo de formação, professores relataram que o tempo de formação é realizado em um tempo muito curto, e cada vez em menos dias. Caldart faz essa interlocução quando se refere aos processos de formação, as quais podem ver vistas com os mesmos olhos, por estas instituições. As formações inicial e continuada devem ser enfatizadas, priorizadas e elaboradas de forma consistente[...] elas não devem ser uma mera formação técnica, e têm de estar sintonizadas com as propostas mais avançadas para a formação de professores desenvolvidas no país, [...] (CALDART, 2012).

Cabe ressaltar, que a conquista da realização da Especialização em Educação no Campo, oferecido aos professores do quadro de professores da Prefeitura de Parintins, é luta que caminham juntas em parceria da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, SEMED/PARINTINS junto aos movimentos sociais, através do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação no Campo e Territoriedades Amazônicas–CANOA, formação continuada com maior duração, com uma carga horária significativa, com uma temática específica voltada as escolas do campo, formação essa que percebe-se a satisfação a qual está mudando a visão dos discentes cursistas em relação a educação no campo, trazendo-lhes grande

contribuição no seu processo de formação docente, onde podem visualizadas assim constadas nas respostas dos cursistas ao responderem a seguinte indagação. De que maneira a “Especialização em Educação no Campo está contribuindo em sua formação docente?

[...] com a especialização em Educação no Campo, estou revendo minhas praticas, minha visão de ontem não é a mesma de hoje, estou conseguindo visualizar qual o sentido das escolas do campo, que de fato ela precisa ser no e do campo e como nós precisamos viver verdadeiramente[...] assim nós vamos ter não somente uma escola com ensino-aprendizagem de qualidade, mais que os conteúdos e a forma como abordamos precisa estar dialogado com a vida em comunidade, e assim despertarem nossos alunos também esse sentimento de pertencimento e de valorização da terra” (Professora Peneira 21/04/203)

[...] De maneira muito especial [...]está me trazendo ricos conhecimentos que vou levar para minha comunidade e fazer acontecer. (Professora Catauari)

[...] A especialização tem me ajudado no aprofundamento das disciplinas como Estados políticos, movimentos sociais, agricultura familiar [...] (Professor Tucupi)

[...] contribui com o acesso as informações importantes e relevantes para o processo de ensino da educação do campo. (Professor Gavião)

[...] Posso dizer que estou seguindo ela como princípio na minha construção, seja ela, como educadora, mas também como cidadã, está me oportunizando saber o meu papel dentro da minha comunidade, estou conseguindo criar possibilidades para que meus alunos entendem também seu lugar de pertencimento [...] (Professora Bem-ti-vi)

[...] De forma positiva a medida que o curso se estende, novas perspectivas e um novo leque se abre para um processo novo de transformação na minha formação como docente (Professora Andiroba)

[...] Tem me ajudado a romper com pensamentos errôneos principalmente no que tange os termos: “campo” e “rural” aos poucos, já consigo ter um olhar mais cauteloso em relação a esta bandeira de luta. (Professora Tucupi)

[...] Ampliação dos conceitos sobre educação no campo, verdadeiramente de como é pra ser entendida [...] mudança de atitude em relação ao povos do campo, das águas e das florestas [...] contribuindo para um redirecionamento da minha pratica pedagógica por uma educação emancipadora. (Professor Boto)

A partir dos dados extraídos dos questionários, podemos observar que há a preocupação da SEMED em sempre está oferecendo esse processo de formação continuada aos professores, aos docentes das escolas ribeirinhas, tendo como uma medida assertiva em pode oportunizar algo mais específicos aos professores do campo, seria está mais uma das melhorias, que deveria ser dada como possibilidade em que todos os professores das escolas do campo teriam que ter em seus currículos, a se pensar nessa possibilidade, pois percebe-se o olhar transformador nas atitudes e práticas no contexto escolas, além da transformação social. Entretanto, ainda há muito a se melhorar, pois fragilidades ainda são

encontradas, pois de fato tem que haver sempre um progresso não ações que já são dadas como formais, pois ainda foi encontrado insatisfação em relação ao tempo de formação, professores quando se manifestam em relação as formações com carga horaria menor, relataram que o tempo de formação é realizado em um tempo muito curto, e cada vez em menos dias: “[...] antes com era uma semana, hoje com apenas um ou dois dias[...]” enfatiza a professora Peneira. Essas formações precisam chegar de forma igualitária tanto para escolas da várzea quanto terra-firme, dialogando com a realidade do homem do campo.

Desafios enfrentados nos processos de formação docente das escolas ribeirinhas

A partir das falas dos professores, diversos desafios nas escolas ribeirinhas, tanto de várzea como terra-firme, foram relatados questões de estruturas físicas, materiais didáticos, do fazer pedagógicos em salas multisseriadas, fenômenos da natureza, o tanto quanto questões sociais, pois de fato, um professor nas escolas e comunidades ribeirinhas, faz parte da vida da escola e sim, é um sujeito que pertence a comunidade e se preocupa com questões relacionadas a comunidade. Enfatizadas pelas falas dos sujeitos:

[...] são as classes multisseriadas, quando o professor é da cidade, não se adapta com o lugar. (Professora Catauari)

[...] a distância entre o professor e o local das formações [...]. (Professor Boto)

[...] não alcançar a todos os docentes [...] rotatividades dos professores. (Professora Beija-flor)

[...] os desafios enfrentados para se locomover para chegar nas instituições, enfrentamos, sol, chuvas e temporais. (Professor Andiroba)

[...] os desafios da descida e subida das águas, o alojamento dos professores que não tem. (Professora Garça)

[...] o trabalho nas turmas agregadas, pois o tempo torna-se curto para realizar as atividades. (Professor Saúna)

Em meio a realidade constata-se que as escolas ribeirinhas, estão sempre rodeadas de inúmeros problemas principalmente estruturais, impossibilitando na maioria das vezes as aulas a ser realizadas. Trazendo prejuízos tantos para os professores que não conseguem desenvolver seus planos conforme o planejado, e muito mais para as crianças que não recebem uma educação de qualidade de fato e de direito. Dessa forma é preciso entender, que estamos lidando com uma realidade com características próprias que precisam ser enfrentadas pelos povos que vivem em comunidades rurais, principalmente em áreas de várzea.

A precária atenção dada aos professores que lecionam nessas localidades, também corrobora de forma maciça, pois se sentem desamparados mediante as instituições responsáveis, questões de moradia desestabilizam, tornando-se outra dificuldade a ser enfrentada, pois as condições de moradia, se encontram em precário estado de

conservação, tornando-se inabitáveis, apresentam sua estrutura deteriorada, tanto por falta de reforma, assim como desgaste sofridos pelos intemperes da natureza. Sendo assim, não encontrar um lugar de se pode considerar uma moradia digna, passa insegurança aos devidos professores. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, pois também estão inseridos em um contexto tanto educacional com social, fazendo parte de um contexto formação humana, onde “[...] não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que faz parte dela. (FREIRE, 2020, p.65). A professora Peneira (em 21/04/2023)relata seu contexto enfrentado em uma escola de área de várzea:

A professora Peneira relata:

[...] voltando aqui para a nossa realidade, a falta de estrutura, [...] a gente tinha uma escola [...] tinha cozinha, mas quando foi esse ano de 2022 para 2023, por conta da terras caídas ela tava no último esteio, quase pra cair, e aí nós tivemos que desmontar [...], então passamos para o barracão, lá é muito difícil [...] a dificuldades de trabalhar num lugar aberto que é o meu caso, a gente só tem uma sala, tem a dificuldade do barulho, na época do temporal, os ventos, o sol a queimadura, porque não tem uma parede, trabalhar na estrutura da escola sem parede não se pode colocar um cartaz, para eles verem o alfabeto, não tem onde colocar o material de apoio. [...] tem a falta de estrutura da escola, no tempo de cheia, que quando a gente presta atenção a água vem com tudo, porque quando a água vem muito rápida que alaga tudo, a dificuldade de transporte buscar e muito complicado por causa das corretezas, aí muitas das vezes um pai não deixa a aluna ir, porque o filho dele é pequeno, aí já falta um, ou falta dois ou falta 3, aí tu tem que trabalhar tem que dar um jeito de fazer uma estratégia para ti trabalhar com eles ou na sala ou então entregar atividade para casa, então nesse período de março para até terminar a aula é muito complicado e aparece muitos desafios para nós, aí na seca quando a seca não sai não sai rápido, aí se tem a lama, aí vai ter que enfrentar a lama e a lama vai até no joelho e aí atrasa muita das vezes dos dias de trabalho, aí ainda tem um agravante muita das vezes que é pásagem do gado, tipo eu sou vaqueira aqui ou o pai é vaqueiro ele sai daqui, porque na época que o gado vai pra terra firme ele tem que ir, aí tu já perdeu um aluno aí, porque ela vai ter que ir com o pai [...] Esse ano foi um ano atípico foi muito complicado esse ano em relação aos paredões que se formaram [...] aí é muito difícil para a gente, agente se adaptou, a gente não se acostumou, a gente se adaptou até que subir escada e muita das vezes quando a gente estava subindo ou descendo aí caiu um barranco bem do nosso lado, fazia aquele imenso barulho e aí muitas das vezes a gente tinha o medo de cair junto aquele barranco perto da gente, e as minhas crianças elas são tudo pequenas então para mim era um pavor quando eu chegava daqui quando eu ia pra escola eu tinha pavor de subir muita das vezes naquela escada, [...] eu acredito que foi um dos anos que não teve produtividade então pra mim esse ano foi o que mais teve problemas que interferiram na formação deles, mas ainda assim a gente conseguiu fazer com que esse ano eles aprendessem a ler a escrever as palavras poucas [...] outra questão agente não tem merendeira, eu sou o padre a freira, sou o psicólogo, o médico aqui tudo eu sou, mil e uma utilidade. Teve alguns anos que eu mesma fazia merenda, eu acho que eu levei uns dois a três anos fazendo a merenda só que me cansava muito [...].

De forma abrangentes mediante a fala dos cursistas professores, inúmeros são os desafios, podendo destacar alguns: a distância entre o professor e os locais de formação, rotatividades dos professores, os desafios de locomoção, o alojamento dos professores, o trabalho nas turmas agregadas, fatores esses que estão presente diariamente nas realidades dos professores do campo, os quais se sentem desafiados em encarar, pois de fato, muitos não estão ali desenvolvendo seu trabalho por mera coincidência, está ali porque acreditam na educação no campo na perspectiva de uma educação transformadora. Porém, é preciso que políticas públicas possam assisti-los, oferecendo-lhe um espaço digno, com boa estrutura, logística que viabilize seus percursos até o trabalho.

Permeada de problemas estruturais, impossibilitam o desenvolver das aulas, trazendo prejuízos tantos para os professores que não conseguem colocar em prática seus planos conforme o planejado, atingindo de forma direta as crianças que não recebem uma educação de qualidade de fato e de direito. Estamos lidando com uma realidade com características próprias da Amazônia que precisa ser enfrentada pelos povos e comunidades tradicionais, principalmente em áreas de várzea, pois é preciso enfrentar diferentes estações climáticas: a enchente, a cheia, a vazante e a seca.

A precária atenção dada aos professores que lecionam nessas localidades, também corrobora de forma maciça, pois se sentem desamparados mediante as instituições responsáveis, questões de moradia desestabilizam, tornando-se outra dificuldade a ser enfrentada, pois as condições de moradia, se encontram em precário estado de conservação, tornando-se inabitáveis, apresentam sua estrutura deteriorada, tanto por falta de reforma, assim como desgaste sofridos pelos intemperes da natureza. Sendo assim, não encontrar um lugar de se pode considerar uma moradia digna, passa insegurança aos devidos professores. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, pois também estão inseridos em um contexto tanto educacional com social, fazendo parte de um contexto formação humana, onde “[...] não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que faz parte dela. (FREIRE,2020, p.65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação de professores torna-se uma temática de constantes discussões, principalmente referente aos docentes das escolas do campo, das águas e das florestas. Nesse processo é preciso considerar a realidade educacional, sociocultural e ambiental dos territórios rurais. As experiências de formação docente de professores do campo das escolas ribeirinhas do município de Parintins, nos mostram uma realidade que apresenta um cenário que está buscando oferecer melhores condições em relação a formação continuada e permanente dos professores, são ofertando cursos de capacitação, oficinas pedagógicas e monitoramento, enfatizado com ação assertiva diante das vozes dos professores, principalmente a Especialização em Educação no Campo e práticas pedagógicas, a qual está contribuindo muito com a melhora das práticas pedagógicas e o melhor entendimento do é educação no e do campo.

Diante dos pontos positivos ainda nos deparamos com um contexto que mostra uma realidade que ainda se encontra diversas fragilidades descritas por meios aos desafios que ainda são enfrentados por esse professores, dificuldades reportadas que vão das estruturas físicas tanto para os alunos quantos os professores, a vida em comunidade, a precariedade das casas dos professores, somando ao sentimento de solidão devido em alguns casos a assistência não chegar de maneira satisfatória, contextualizado um cenário de abandono entre outros aspectos, vindo tornar cada vez mais difícil as práticas educativas e a permanência de alguns professores nessas escolas. Em meio a este cenário, entendemos a importância do poder público ou quem de direito pensar e formalizar políticas públicas que possam ser pensadas e vim contribuir para melhoria tanto em termos educacionais e sociais nas comunidades rurais, políticas públicas que venham melhorar principalmente estruturas físicas, pois trarão suporte para melhores condições de trabalho aos professores das escolas do campo.

Portanto, espera-se que as instituições responsáveis por esse processo contínuo de formação que os professores precisam receber, revejam as formações a serem oferecidas e que as façam planejem de com realidade de nossas escolas ribeirinhas, pois temos a responsabilidade de educar essas crianças, jovens e adolescentes e adultos para a vida toda, para emancipação e humanização assim como defendia Paulo Freire, que possamos promover o diálogo entre os saberes escolares com os saberes da produção da vida desses sujeitos históricos, que vivem nos territórios da águas e das florestas na Amazônia e que idealizem em seus processos de formação de professores o reconhecimento de pertencimento, vindo a somar para minimizar as dificuldades e melhorar o fazer pedagógico nas escolas ribeirinhas, pois estamos diante de uma realidade que sempre exigirá muito além do profissionalismo, desperta essa entrega de luta das forças contra hegemônicas que advém dos movimentos sociais, o luta por uma escola do campo, que tem a ver com a vida da gente.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM essencial no meu processo de formação educacional e profissional, ao Grupo de Pesquisa CANOA, a SEMED, aos professores cursista da Especialização em Educação no Campo pela entrega genuína na pesquisa e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, que possibilitou a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Salete Caldart; MOLINA, Monica Castagna (org). **Por uma educação do campo**. 5 ed. – Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**: escola é mais do que escola. Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo**, Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli. **Por uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. In. KOLING, Edgar J. CERIOLI, Paulo; CALDART, Roseli S. Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília-DF, 2002.

CAVALCANTI, Ana Paula, CARVALHO, Waldênia Leão. O atendimento escolar em classes multisseriadas no município de Buenos Aires: representação de doente à luz da política de educação do campo. In: **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis/Brasil, v.6, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à pratica educativa. 63. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Política e educação** : ensaios / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a. ed. São Paulo: Atlas, 2002

HAGE, S. A. M. **A Multissérie em pauta**: Para transgredir o paradigma seriado nas escolas do campo. In: FACED/UFBA. Salvador, 2009.

HAGE, Salomão. **Educação do campo na Amazonia paraense**: retratos de realidades de escolas multisseriadas no Pará. Belem: Gutemberg, 2005.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis –RJ: Vozes, 2016.

MORETTO, Milena (org.). **Discussões sobre a formação docente**: da inicial à continuada. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

OLIVEIRA; FRANÇA; SANTOS. **Práticas de educação no campo em classes multisseriadas na Amazônia.** XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – UNICAMP – Campinas -2012.

SAUL, A. M. **A radicalidade da proposta de Paulo Freire à frente da Secretaria de Educação do município de São Paulo: a construção da escola pública, popular e democrática.** In: FREIRE, P. Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo/Paulo Freire; organização e notas de Ana Maria Araújo Freire, Erasto Fortes Mendonça. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SILVA; ARAUJO. **Reflexão em Paulo Freire:** uma contribuição para a formação continuada de professores. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 – setembro 2005.

Tardif, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 8. Petrópolis: Vozes, 2007